

Propostas "especiais", para pessoas "especiais"? 23 de Fevereiro de 2021

A Acesso Cultura tem procurado contrariar a ideia de que existem pessoas “especiais”, a quem fazemos propostas “especiais” em dias e horários “especiais”. Empenhamo-nos na criação de espaços e propostas que possam ser partilhados por diversas pessoas, dando atenção e cuidando das necessidades específicas de cada um. Será esta uma prática alargada em Portugal? E fará sempre sentido? Quais os princípios e as opções de programadores e mediadores culturais? E o que acham as pessoas com necessidades específicas e os seus cuidadores?

Resumo do debate

- Estamos a viver a tirania do “especial”. O “especial” é uma moleta para quando não há acessibilidade. Temos de fazer um esforço para a cultura chegar a todos.
- Os museus que visitamos estão sempre preparados para as actividades que marcamos.
- Os mediadores não estão sempre preparados, não têm conhecimentos sobre diversas condições. Tentam informar-se, prepararam-se para dar o seu melhor. Mas isto não é uma prioridade para toda a equipa. A experiência fica com a pessoa que conduziu a actividade.
- Com os Surdos existe uma barreira cultural e linguística. O que podemos propor que seja interessante para eles?

Será uma utopia pensar que podemos pensar a acessibilidade de raiz, quando se inicia o trabalho para uma nova exposição ou actividade? É impossível criarmos condições de acesso permanente para certas pessoas com necessidades específicas e não apenas actividades que precisam ser marcadas antecipadamente? Por um lado, convidamo-las a participar, por outro, não podem voltar quando quiserem, porque não terão acesso?

- É uma utopia, sim, pensar que as nossas iniciativas estarão à partida pensadas nestas condições. Continuamos o nosso contacto com as associações e organizamos a vinda de grupos.
- Às vezes, há dificuldades no contacto com as associações.
- A Língua Gestual Portuguesa não é um adereço. Devemos estar envolvidos desde o início.

Faz sentido estarmos a esforçar-nos para promover actividades para públicos específicos, que depois também não aparecem? Não fará mais sentido programarmos desde o início para a inclusão?

- A tomada de decisão é lenta a nível institucional. Procuramos pequenas soluções até haver essa decisão. São situações pontuais.
- Também não é preciso inventar, quando há percursos percorridos. Deve haver maior colaboração entre as nossas organizações. Podemos e devemos aprender uns com os outros.



acesso
cultura
access
culture